

PHILIPPA GREGORY

A Princesa Branca
A Guerra dos Primos

Tradução
Mário Dias Correia

 Planeta

Para o Anthony

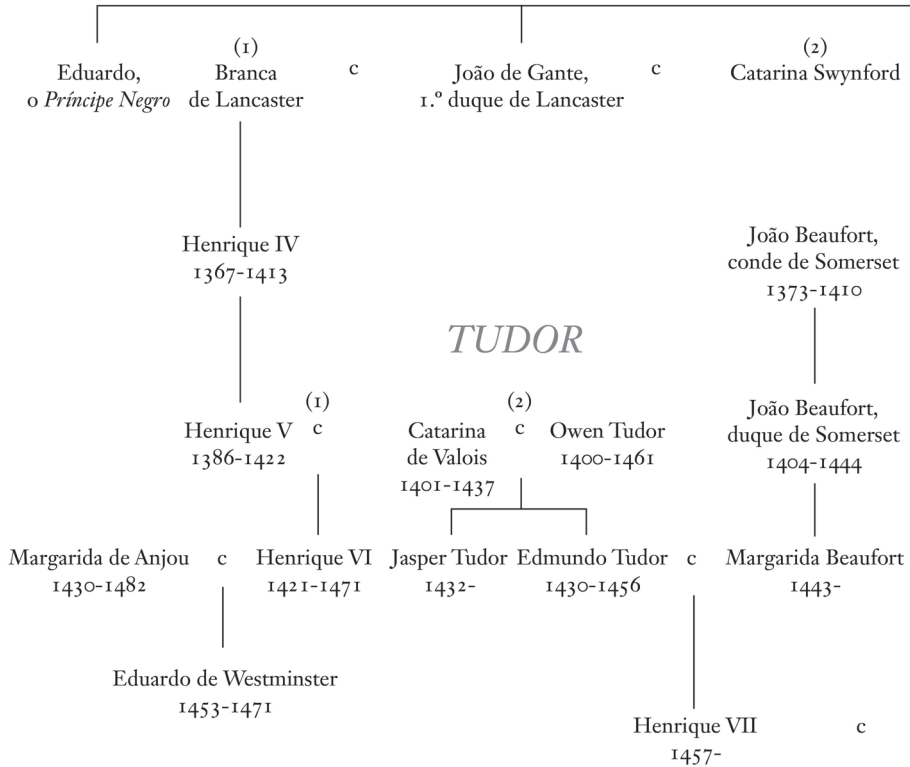


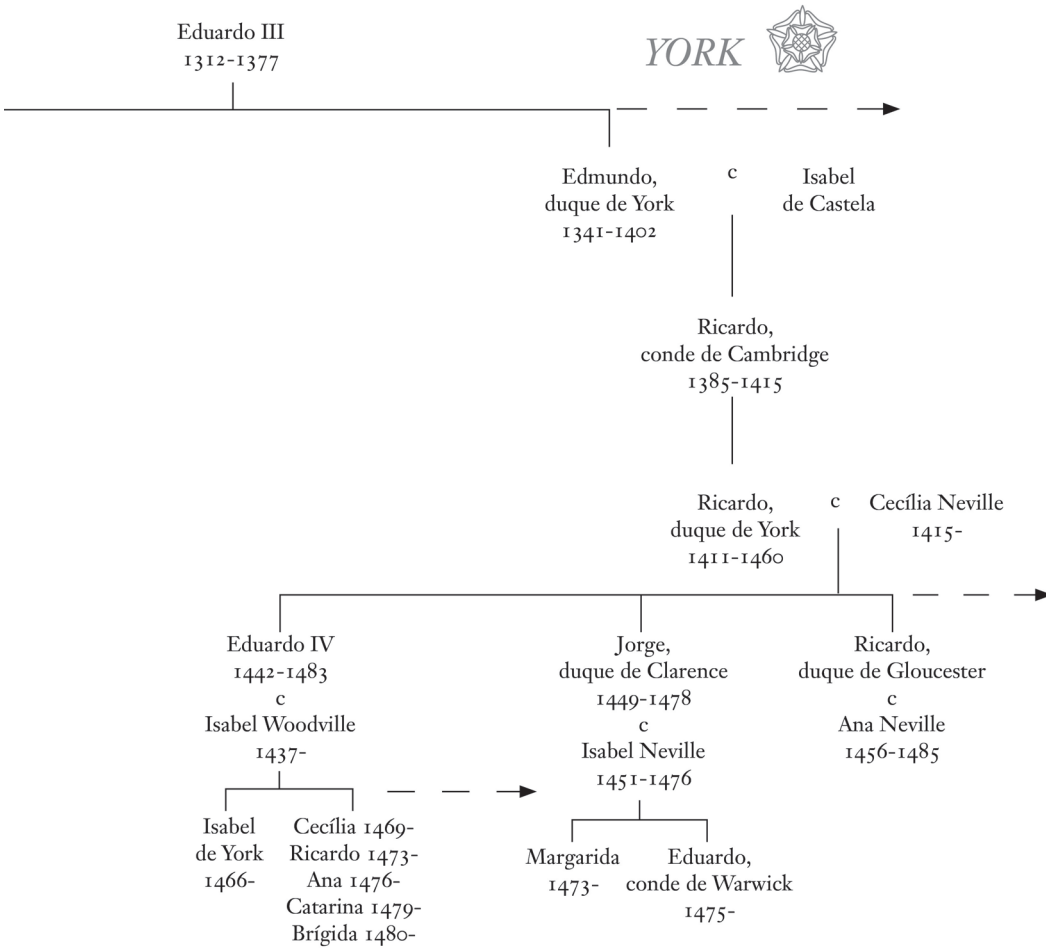
OS PRIMOS EM GUERRA

As Casas de York, Lancaster e Tudor na Primavera de 1485



LANCASTER





Castelo de Sheriff Hutton, Yorkshire, Outono de 1485

Quem me dera poder deixar de sonhar. Oh, Deus, como eu gostava de poder deixar de sonhar.

Estou tão cansada; só quero dormir. Quero dormir o dia inteiro, desde o nascer do Sol ao crepúsculo que todas as tardes chega um pouco mais cedo, um pouco mais triste. Durante o dia, não penso noutra coisa senão em dormir. Mas o que faço durante toda a noite é tentar manter-me acordada.

Vou para os seus silenciosos aposentos, com as portadas das janelas fechadas, e fico a olhar para a vela que pinga no velho castiçal dourado, a arder devagar, a queimar uma a uma as marcas que assinalam as horas, apesar de ele nunca mais voltar a ver luz. Todos os dias, ao meio-dia, os criados acendem uma nova vela, e as horas vão ardendo, lentas, embora o tempo já nada signifique para ele. Na sua eterna escuridão, na sua eterna intemporalidade, o tempo já nada lhe diz. Mas a mim esmaga-me com um peso imenso. Passo o dia inteiro à espera da arrastada chegada do cinzento entardecer e do melancólico dobre das completas, quando posso ir para a capela e rezar pela sua alma, embora nunca mais ele volte a ouvir os meus murmúrios, nem o canto baixo dos padres.

Posso então ir para a cama. Mas quando me deito não me atrevo a dormir porque não consigo suportar os sonhos que aí vêm. Sonho com ele. Sonho sempre com ele, sem parar.

Durante o dia, mantenho o rosto sorridente como uma máscara, a sorrir, a sorrir, a mostrar os dentes, os olhos brilhantes, a pele como pergaminho esticado, fina como papel. Mantenho a voz límpida e doce, digo palavras que não têm qualquer significado e, quando é necessário, até canto. À noite caio na minha cama como se estivesse a afogar-me em águas profundas,

como se estivesse a afundar-me num abismo, como se a água se apoderasse de mim, me engolisse como a uma sereia, e por um momento sinto um enorme alívio, como se a minha cama fosse o rio Lete e a sua corrente pudesse trazer consigo o esquecimento e arrastar-me para a gruta do sono; mas então chegam os sonhos.

Não sonho com a morte dele. Esse seria o pior dos pesadelos, vê-lo tombar em combate. Mas a verdade é que nunca sonho com a batalha, não o vejo na sua derradeira carga direito ao centro da guarda de Henrique Tudor. Não o vejo abrir caminho a golpes de espada. Não vejo o exército de Thomas Stanley atacar e sepultá-lo sob os cascos dos seus cavalos, não o vejo ser derrubado da sela, ainda a brandir a espada, levado de vencido por uma impiedosa carga de cavalaria, a gritar: «Traição! Traição! Traição!» Não vejo William Stanley pegar na coroa e colocá-la na cabeça de outro homem.

Não sonho com nenhuma destas coisas, e dou graças a Deus por ao menos essa misericórdia. Esses são os meus pensamentos constantes durante o dia, a que não consigo fugir. Esses são os sangrentos devaneios diurnos que me enchem a mente enquanto me movo, e falo do calor, tão excessivo para esta altura do ano, ou de como a terra está seca, da má colheita que vamos ter. Mas, à noite, os meus sonhos são mais dolorosos, muito mais dolorosos do que isto, porque então sonho que estou nos seus braços e que ele me acorda com um beijo. Sonho que estamos a passear no jardim, a planear o nosso futuro. Sonho que estou grávida dele, e que ele poussa a mão quente no meu ventre inchado, e sorri, encantado, e eu estou a prometer-lhe que teremos um filho, o filho de que ele precisa, um filho para York, um filho para a Inglaterra, um filho para nós os dois. «Chamar-lhe-emos Artur», diz ele. «Chamar-lhe-emos Artur, como Artur de Camelot, chamar-lhe-emos Artur pela Inglaterra.»

A dor, quando acordo e descubro que estive outra vez a sonhar, parece tornar-se pior de dia para dia. Oh, Deus, como eu gostava de poder parar de sonhar.



Minha querida filha Isabel,

O meu coração e as minhas preces estão contigo, querida filha; mas agora, mais do que em qualquer outra altura da tua vida, tens de desempenhar o papel da rainha que nasceste para ser.

O novo rei, Henrique Tudor, ordena-te que venhas juntar-te a mim no Palácio de Westminster, em Londres, e que tragas contigo os teus irmãos e primos. Nota que não negou o seu noivado contigo. Espero que vá por diante.

Bem sei que não é o que esperavas e desejavas, minha querida; mas Ricardo morreu, e essa parte da tua vida chegou ao fim. Henrique é o vencedor e a nossa tarefa, agora, é fazer de ti sua esposa e rainha de Inglaterra.

Obedecer-me-ás também numa outra coisa: sorrirás e mostrar-te-ás prazenteira como uma noiva que vai ao encontro do seu noivo. Uma princesa não partilha a sua dor com o resto do mundo. Nascestes princesa e és a herdeira de uma longa linhagem de mulheres corajosas. Ergue bem o queixo e sorri, minha querida. Estou à tua espera, e também eu estarei a sorrir.

A tua mãe que te ama

Isabel R

Rainha-mãe de Inglaterra

Leio esta carta com algum cuidado, porque a minha mãe nunca foi de dizer o que pensa, e qualquer palavra dela vem sempre carregada com vários níveis de significado. Imagino a excitação com que há-de estar a encarar a possibilidade de aproximar-se mais uma vez do trono de Inglaterra. É uma mulher indomável; vi-a cair muito baixo, mas nunca, nem sequer quando ficou viúva, nem sequer quando quase enlouqueceu de desgosto, a vi humilhada.

Compreendo de imediato as ordens que me dá para que me mostre feliz, para que esqueça que o homem que amo está morto e escondido numa sepultura anónima, para que forje o futuro da minha família martelando-me num casamento com o seu inimigo. Henrique Tudor regressou a Inglaterra, depois de ter passado uma vida inteira à espera, e venceu a sua batalha, derrotou o rei legítimo, Ricardo, o meu amante, e agora eu, como a própria Inglaterra, faço parte dos despojos de guerra. Se Ricardo tivesse vencido em Bosworth – e quem alguma vez imaginaria que não vencia? –, eu teria sido a sua rainha e a sua esposa amante. Mas ele tombou sob as espadas de traidores, dos homens que tinham respondido ao seu apelo e jurado lutar por ele; em vez disso, vou casar com Henrique, e os gloriosos dezasseis meses em que fui a amante de Ricardo, quase a rainha da sua corte, e ele foi o coração do meu coração, serão esquecidos. Na realidade, bem posso esperar que sejam esquecidos. Eu própria tenho de esquecê-los.

Leio a carta da minha mãe, de pé debaixo da passagem em arco da casa da guarda do grande Castelo de Sheriff Hutton, e volto-me e entro no salão, onde arde um lume na lareira central e o ar está quente e enevoadado de fumo. Amarroto a única página, transformo-a numa bola e lanço-a às chamas que lambem os toros de madeira e num instante a consomem. Todas as referências ao meu amor por Ricardo e às promessas que ele me fez devem ser assim destruídas. E há outros segredos que eu tenho também de esconder, um em particular. Fui criada como uma princesa faladora numa corte aberta e rica de curiosidade intelectual, onde tudo podia ser pensado, dito e escrito; mas, desde que o meu pai morreu, aprendi as habilidades furtivas dos espiões.

Os meus olhos estão a encher-se de lágrimas devido ao fumo da lareira, mas eu sei que não vale a pena chorar. Esfrego-os e vou ter com as crianças à grande câmara no topo da torre ocidental que lhes serve de sala de aula e de recreio. A minha irmã Cecília, com dezasseis anos, tem estado a tomar conta delas esta manhã, e ouço as suas vozes e o bater ritmado do tamborim enquanto subo os degraus de pedra. Quando abro a porta, interrompem o que estão a fazer e pedem-me que ouça uma cantiga que compuseram. Ana, a minha irmã de dez anos, foi desde pequenina ensinada pelos melhores mestres, Margarida, a nossa prima de doze anos, canta sem desafinar e o irmão, Eduardo, que fez dez, tem uma pura voz de soprano doce como uma flauta. Ouço-os e bato palmas, a aplaudir.

– E agora tenho novidades para vocês.

Eduardo Warwick, o irmão mais novo de Margarida, ergue a pesada cabeça que tinha inclinada para a ardósia.

– Para mim não? – pergunta, com uma expressão triste. – Não há novidades para o pequeno Teddy?

– Sim, também para ti, e para a tua irmã, e para a Cecília e para a Ana. Como sabem, Henrique Tudor venceu a batalha e será o novo rei de Inglaterra.

Estas crianças são descendentes de reis; as suas expressões são sombrias, mas estão demasiado bem treinadas para dizerem uma palavra de dó por Ricardo, o tio que tombou. Em vez disso, esperam pelo que vai seguir-se.

– O novo rei Henrique será um bom rei para o seu povo – digo, a desprezar-me a mim mesma enquanto papagueio as palavras que *sir* Robert Willoughby me disse quando me entregou a carta da minha mãe. – E chamou-nos a todos nós, os filhos da Casa de York, a Londres.

– Mas vai ser rei – diz Cecília, numa voz sem inflexões. – Vai ser rei.

– Claro que vai ser rei! Quem havia de ser? – Tropeço na pergunta que eu própria inadvertidamente fiz. – Ele, claro. Seja como for, ganhou a coroa. E devolver-nos-á o nosso bom nome e reconhecer-nos-á como princesas de York.

Cecília faz uma cara amuada. Nas últimas semanas antes da batalha, o rei Ricardo ordenou-lhe que casasse com Ralph Scrope, um quase-ninguém, para se certificar de que Henrique Tudor não poderia reclamá-la como noiva de segunda escolha, depois de mim. Cecília é, como eu, uma princesa de York, pelo que desposar qualquer de nós dá a um homem o direito de pretender ao trono. Eu perdi muito do meu lustro quando os rumores me disseram amante de Ricardo, e então o rei depreciou também Cecília, obrigando-a a casar abaixo da sua condição. Ela afirma agora que o casamento nunca foi consumado, que não o considera válido, que a nossa mãe vai conseguir a anulação; mas presumivelmente é *lady* Scrope, esposa de um iorquista derrotado, e quando recuperarmos os nossos títulos reais e voltarmos a ser princesas, ela vai ter de conservar o nome e a humilhação, mesmo que hoje ninguém saiba onde está Ralph Scrope.

– *Eu* é que devia ser rei – diz o pequeno Eduardo, a puxar-me pela manga. – Sou o seguinte, não sou?

Volto-me para ele.

– Não, Teddy – digo com doçura. – Não podes ser rei. É verdade que és um varão da Casa de York e que o tio Ricardo em tempos te nomeou seu herdeiro; mas agora ele está morto, e o novo rei será Henrique Tudor. – Ouço a minha voz tremer quando digo «ele está morto», e inspiro fundo e tento outra vez. – O rei Ricardo morreu, Eduardo, tu sabes disso, não sabes? Compreendes que o rei Ricardo morreu? Agora nunca serás o seu sucessor.

Olha para mim com uma expressão tão vazia que me convenço de que não compreendeu nada, e então os seus grandes olhos cor de avelã enchem-se de lágrimas e ele volta-se e continua a copiar o alfabeto grego para a ardósia. Observo por um momento a cabeça castanha, debruçada sobre o trabalho, e penso que a sua dor muda, animal, é igual à minha. Com a diferença de que eu sou obrigada a estar sempre a falar e a sorrir durante todo o dia.

– Ele não percebe – diz-me Cecília, mantendo a voz baixa para que Maggie não oiça. – Já todas lho dissemos mais de uma vez. É demasiado estúpido para acreditar.

Olho para Maggie, sentada em silêncio ao lado do irmão, a ajudá-lo a desenhar as letras, e penso que devo ser tão estúpida como Eduardo, porque também não consigo acreditar. Num momento Ricardo marchava à frente de um exército invencível formado pelas maiores famílias de Inglaterra; no momento seguinte trazem-nos a notícia de que foi derrotado, e de que três dos amigos em que tanto confiava ficaram sentados imóveis nas suas selas a vê-lo encabeçar a desesperada carga que o levaria à morte, como se fosse um dia de Sol num torneio, como se eles fossem espectadores e ele um garboso cavaleiro e tudo aquilo não passasse de um jogo que podia dar para qualquer dos lados e em que valia a pena apostar forte.

Sacudo a cabeça. Se pensar nele, a galopar sozinho ao encontro dos seus inimigos, a galopar com a minha luva enfiada debaixo do peitoral, perto do coração, vou começar a chorar; e a minha mãe ordenou-me que sorria.

– Vamos pois para Londres! – digo, como se estivesse encantada com a perspectiva. – Para a corte! E voltaremos a viver com a Senhora Mãe no Palácio de Westminster, e voltaremos a estar com as nossas irmãzinhas Catarina e Brígida.

Os dois órfãos do duque de Clarence erguem a cabeça ao ouvir isto.

– Mas onde iremos nós viver, eu e o Teddy? – pergunta Maggie.

– Talvez fiquem também a viver connosco! – digo alegre. – Espero que sim.

– Hurra! – aplaude Ana, e Maggie diz a Eduardo, em voz baixa, que iremos todos para Londres, e que ele poderá montar o seu pônei durante toda a viagem do Yorkshire até lá, como um pequeno cavaleiro fidalgo, enquanto Cecília me pega no cotovelo e me chama à parte, os dedos a apertarem-me o braço.

– E tu? – pergunta. – O rei vai casar contigo? Vai ignorar o que fizeste com Ricardo? Tudo isso será esquecido?

– Não sei – respondo, e liberto o braço. – No que nos diz respeito, ninguém fez coisa nenhuma com o rei Ricardo. Tu, mais do que qualquer outra pessoa, minha irmã, não viste nada e não dirás uma palavra a respeito do que quer que seja. Quanto a Henrique, suponho que se vai ou não casar comigo é o que todos nós queremos saber. Mas só ele conhece a resposta. Ou talvez duas pessoas: ele... e aquela velha bruxa, a mãe, *lady* Margarida, que pensa que pode decidir tudo.

Na Grande Estrada do Norte, Outono de 1485

A viagem para sul é fácil com o ameno tempo de Setembro, e eu digo à nossa escolta que não há necessidade de nos apressarmos. O Sol brilha e está calor e vamos avançando por pequenas etapas, porque as crianças mais novas montam os seus pôneis e não podem cavalgar mais de três horas sem uma pausa para descanso. Eu monto o meu cavalo, um castanho de caça que Ricardo me deu, e estou contente por ir a caminho, por deixar para trás o Castelo de Sheriff Hutton, onde tínhamos planeado construir um palácio capaz de rivalizar com Greenwich, por abandonar os jardins onde passeávamos e o salão onde dançávamos ao som dos melhores músicos e a capela onde ele me pegou na mão e me prometeu que casaria comigo logo que regressasse da batalha. A cada dia que passa estou um pouco mais longe daquele lugar e espero esquecer as recordações que dele guardo. Tento distanciar-me dos meus sonhos, mas quase consigo ouvi-los trotar atrás de nós, como fantasmas.

Eduardo está excitado com a viagem e sente-se feliz na liberdade da Grande Estrada do Norte, encantado com as pessoas que aparecem ao longo do caminho para ver o que sobra da família real de York. Cada vez que o nosso pequeno cortejo faz uma paragem, vêm abençoar-nos, e desbarretar-se diante de Eduardo, o único herdeiro de York que resta, o único varão York, apesar de a nossa casa ter sido derrotada e de terem ouvido dizer que vai haver um novo rei no trono – um galês que ninguém conhece, um estranho que veio, sem ser convidado, da Bretanha ou de França ou de outro sítio qualquer, atravessando o mar estreito. Eduardo gosta de fingir que é o rei legítimo, a caminho de Londres para ser coroado. Inclina a cabeça e agita a mão, tira o barrete e sorri às pessoas que aparecem

à porta das casas e das lojas quando atravessamos as pequenas povoações. Apesar de eu lhe dizer todos os dias que vamos para a coroação do rei Henrique, ele esquece-o mal alguém grita: «*À Warwick! À Warwick!*»

Maggie, à irmã, procura-me na noite da véspera da nossa chegada a Londres.

– Princesa Isabel, posso falar convosco?

Sorriso-lhe. A mãe da pobre Maggie morreu de parto e ela tem sido mãe e pai do irmão, e a senhora da casa dele, desde quando ainda quase usava vestidos curtos. O pai dela era Jorge, duque de Clarence, e foi executado na Torre por ordem do meu pai e instigação da minha mãe. Maggie nunca mostra quaisquer sinais de rancor, apesar de usar ao peito um medalhão com uma madeixa de cabelos da mãe e, no pulso, uma pequena pulseira-amuleto com um barril de prata em memória do pai. É sempre perigoso estar perto do trono, e apesar de ter só doze anos, ela sabe-o. A Casa de York devora os seus filhos como uma gata nervosa.

– Que se passa, Maggie?

Cava-se-lhe uma ruga na pequena testa.

– Estou preocupada com o Teddy.

Espero. Maggie é uma irmã dedicada.

– Preocupada com a segurança dele.

– O que temes?

– Ele é o único varão York, o único herdeiro – confessa. – Claro que há outros York, os filhos da nossa tia Isabel, duquesa de Suffolk; mas o Teddy é o único filho que resta dos filhos de York: o rei Eduardo, vosso pai, o duque de Clarence, meu pai, e o rei Ricardo, nosso tio, já todos morreram.

Registo o familiar acorde de dor que ressoa em mim ao ouvir o nome dele, como se fosse um alaúde de cordas dolorosamente esticadas.

– Sim – digo. – Sim, estão todos mortos.

– Desses três filhos de York, já não há outros filhos. O nosso Eduardo é o único varão que resta.

Olha para mim, hesitante. Ninguém sabe o que aconteceu aos meus irmãos Eduardo e Ricardo, que foram vistos pela última vez a brincar no Relvado da Torre de Londres, e depois a acenar da janela da Torre do Jardim. Ninguém sabe ao certo, mas todos acreditam que estão mortos. Do que sei, guardo segredo absoluto, e não sei muito.

– Peço desculpa – diz ela, embaraçada. – Não queria perturbar-vos...

– Não faz mal – respondo, como se falar do desaparecimento dos meus irmãos não fosse dor sobre dor. – Receias que Henrique Tudor mande o teu irmão para a Torre, como o rei Ricardo mandou os meus? E que também ele nunca mais volte a sair de lá?

Ela retorce a saia com a mão.

– Nem sequer sei se devia estar a levá-lo para Londres – exclama. – Não seria melhor tentar conseguir um navio e levá-lo para a Flandres, para junto da nossa tia Margarida? Mas não sei como fazê-lo. Não tenho dinheiro para fretar um navio. E não sei a quem pedir. Achais que é o que devíamos fazer? Levar o Teddy para longe? A tia Margarida recebê-lo-ia e protegê-lo-ia por amor à Casa de York. Será o que devemos fazer? Saberíeis como fazê-lo?

– O rei Henrique não vai fazer-lhe mal – digo. – Pelo menos, não já. Talvez mais tarde, quando estiver estabelecido como rei e seguro no seu trono, e as pessoas não estiverem a observá-lo e a perguntarem-se como vai agir. Mas nos próximos meses vai procurar fazer amigos em todo o lado. Ganhou a batalha, agora tem de ganhar o reino. Não basta matar o rei anterior, tem de ser aclamado pelo povo e coroado. Não vai arriscar-se a ofender a Casa de York e todos os que nos amam. O pobre homem é até capaz de ter de casar comigo para lhes agradar a todos!

Ela sorri.

– Seríeis uma rainha tão encantadora! Uma rainha muitíssimo bonita! E então eu poderia ter a certeza de que o Eduardo estava a salvo, pois poderíeis fazer dele vosso pupilo, não é verdade? Sabeis bem que ele não representa um perigo para ninguém. Seríamos ambos fiéis à linhagem dos Tudor. Seríamos ambos fiéis a vós.

– Se alguma vez for rainha, ele estará a salvo – prometo, a pensar em quantas vidas dependem de eu conseguir convencer Henrique a honrar o seu compromisso de noivado. – Mas, entretanto, penso que podem vir connosco para Londres e que estaremos em segurança junto da minha mãe. Ela há-de ter um plano preparado.

Maggie hesita. Houve animosidade entre a mãe dela e a minha, e depois ela foi criada por Ana, a esposa de Ricardo, que odiava a minha mãe e a considerava sua inimiga mortal.

– Ela vai cuidar de nós? – pergunta, numa voz muito baixa. – A vossa mãe vai tratar o Teddy com bondade? Sempre ouvi dizer que era inimiga da minha família.

– Não tem nada contra ti ou contra o Eduardo – digo eu, tranquilizadora.
– São os dois sobrinhos dela. E nós somos todos da Casa de York. Protegê-los-á a vocês como nos protegerá a nós.

Fica sossegada, confia em mim, e eu não lhe recordo que a minha mãe tinha dois filhos, Eduardo e Ricardo, que amava mais do que a própria vida; mas não foi capaz de mantê-los a salvo. E ninguém sabe onde estão esta noite os meus irmãozinhos.